



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de entrega do título de presidente emérito da Federação das Indústrias do estado de São Paulo (Fiesp) ao vice-presidente da República, José Alencar

São Paulo-SP, 09 de novembro de 2009

Meu querido companheiro José Alencar, vice-presidente da República, e sua companheira Mariza Campos Gomes da Silva,

Cumprimentar o companheiro Josué, e cumprimentando o Josué estarei cumprimentando as irmãs, os netos e os irmãos do José Alencar, que nunca mais me mandou a Maria da Cruz,

Quero cumprimentar a minha companheira Marisa Letícia Lula da Silva,

Cumprimentar o governador do estado de São Paulo, José Serra, e cumprimentando o José Serra eu também estarei cumprimentando todos os governadores, porque não me deram nominata, eu não sei quantos têm aqui. Então, estão cumprimentados todos os governadores. Eu só estou vendo aqui o Eduardo Braga rindo ali, estou vendo o Luiz Henrique que passou, mas está todo mundo cumprimentado. E também, como eu não sou candidato, eu não preciso cumprimentar muita gente daqui para a frente.

Quero cumprimentar o companheiro Temer, presidente da Câmara dos Deputados, em nome do qual eu cumprimento os deputados federais e estaduais aqui presentes,

Cumprimentar a companheira Dilma Rousseff, ministra-chefe da Casa Civil, e cumprimentando todos os ministros aqui presentes,

Senadores,

Deputados,

O nosso prefeito Kassab,

E cumprimentar o companheiro Paulo Skaf, presidente da Federação.



Eu não sei, José Alencar, se você percebeu que nós mudamos o protocolo aqui. No protocolo original, você teria que falar antes de mim, mas é uma injustiça. É uma injustiça porque este reconhecimento que a Fiesp está fazendo com você, eu acho que era uma coisa que poderia ter acontecido antes, mas é importante que as coisas não aconteçam tão antes, mas aconteçam quando têm que acontecer.

Eu acho, Paulo, que é um momento extraordinário de a gente prestar uma homenagem a uma pessoa que eu acho que é muito singular e muito especial. Não existe possibilidade de existirem muitos “José Alencar” por este Brasil afora. Tem muito empresário, tem muito ministro, tem muito político, agora eu penso que o José Alencar é uma figura especial, especial pelo seu comportamento como ser humano, como pai, como companheiro.

Não são poucas as vezes em que eu e o José Alencar – não podem ser muitas vezes – às vezes, de vez em quando, tomando um gole, a gente começa a falar da vida da gente e a gente começa a chorar. E que bom que a gente chora, viu, Zé? Porque o problema é que tem ser humano que não chora, e quem não chora não tem sentimento. Então, eu acho tão bonito. Quando você falou no nome do teu pai você começou a chorar. Que bom que depois de tantos anos você ainda guarda do teu pai as mesmas emoções que você tinha quando saiu de casa aos 14 anos. E o Josué vai puxar a você porque o Josué também é chorão. Eu lembro que quando você estava no hospital, que eu ficava conversando com o Josué lá, os olhos dele, de verdes, ficavam vermelhos, todo lacrimejando.

Mas, Zé, eu penso que foi uma dádiva de Deus eu ter te encontrado. Certamente que não foi uma paixão, como a da Mariza por você, mas foi uma coisa política... Eu considero inusitado. Como eu sou um cara que acredita em Deus, e alguns me chamam de atrasado porque eu acredito, e acredito piamente que tem um ser superior que guia os nossos passos e que faz a



gente dar certo, faz a gente acontecer, mas não tinha por que eu demorar quase 70 anos para te conhecer. Eu [com] 58 e você, na época, [com] 70 anos. A gente poderia ter se conhecido há muito mais tempo. Quem sabe, eu não tivesse perdido tanta eleição. Quem sabe eu tivesse...

A verdade é que o Zé Alencar, por simplicidade, por companheirismo, ele nunca vai reconhecer, mas quem faz política neste país sabe do seguinte: eu já estava cansado de ter 30% de votos nas eleições presidenciais. E eu tinha uma agonia. O Dulci participou de uma reunião, quando foi decidir que eu seria candidato a [pela] terceira vez, e eu dizia: Gente, eu não posso ser candidato igual eu fui as outras vezes. Eu vou para o matadouro, sabe, porque viram todos contra mim, gente. Não tem jeito.

Bem, quando eu fui convidado para a tua festa de 50 anos, de aniversário da tua vida empresarial. Eu jamais imaginei ir à tua festa. Eu falava: Eu vou à festa desse empresário, grande empresário, o que eu vou fazer lá? Não tem nada para ir lá. O pessoal insistiu, insistiu, insistiu e aí, cada vez mais, eu acredito que Deus estava com o dedinho ali. Eu fui, sentei humildemente, candidato três vezes derrotado... Desfilavam governadores, Serra, por tudo quanto é lado (incompreensível), governador de tudo quanto é partido político, autoridades, ministros. Só o Itamar Franco é que não foi porque estava com uma certa birra com o José Alencar. E eu pensava: O que eu estou fazendo aqui? Estou lá, daqui a pouco chega um baixinho que trabalha com o José Alencar, o Adriano, e vem com um papelzinho: "O Zé Alencar perguntou... O senador perguntou se o senhor quer falar". Eu falei: Não, o que eu vou falar, pô? O que eu vou falar? Aí não falei. Aí fiquei lá. Aí o Zé Alencar foi falar. Quando o Zé Alencar começou a contar a vida dele, Serra, eu, na hora, eu falei: Está aí o meu vice. Por Nossa Senhora, foi uma coisa... quase um toque de mágica, eu falei: Encontrei o meu vice. E aí era preciso tentar conversar com ele.

Antes a gente já tinha feito uma reunião. Embora eu não conhecesse o Zé



Alencar, eu ficava sempre hospedado no Hotel Wembley, hotel de três estrelas, em que eu era bem tratado, nada de graça porque sempre cobraram, até que o Zé Alencar um dia me ofereceu a suíte dele, em que eu passei a ficar lá e passamos a conversar um pouco de política. E aí, quando eu desconfiei que eu tinha encontrado a minha cara-metade na política, eu falei: Agora eu preciso conversar com ele. Por sorte, o PMDB tinha derrotado ele em uma disputa interna, que não vamos entrar em detalhes aqui, e eu cheguei em Brasília, no gabinete do José Alencar – ele estava do jeito que está agora aí, rindo – eu falei: Zé, eu vim aqui te fazer uma proposta. Eu acho que o PMDB não foi leal com você ontem, te derrotou, e eu queria saber se você está disposto a ser o meu vice na próxima eleição. Você, obviamente que vai ter que trocar de partido político porque o PMDB está em outra. Você... Ele não hesitou. “Será que o PT me aceita?” Eu falei: Aceita, aceita. Eu era que estava aceitando, eu estava necessitando.

E foi como se a gente encontrasse duas pedras... duas peças que se encaixassem perfeitamente bem. Primeiro, porque tinha um pouco de preconceito, possivelmente por culpa nossa mesmo ou por preconceito mesmo, mas tinha um espaço a ser preenchido que o José Alencar preencheu. No começo, muita gente não quis, não é, Zé? Que o Zé, alguns companheiros do PT ficaram: “É, mas vai trazer aí, não sei das quantas, tal”. Depois, no meio da campanha, esse pessoal precisava mais do Zé Alencar do que eu porque ele passou a ser coqueluche da esquerda do PT nos debates por este país afora. Pensem num estado que tinha mais gente sectária, era onde o Zé Alencar era chamado mais para convencer as pessoas da boa aliança.

E eu penso que o Zé Alencar tem, sinceramente, metade da responsabilidade que eu tenho pelo fato de a gente estar governando este país há oito anos... sete. Ele, muitas vezes, não se valoriza, acha que não tem nada disso, tal. Eu acho, Zé, que não é apenas a questão de votos, é a questão da garantia. Você foi uma espécie de um fundo garantidor, que eu precisava. É



verdade, porque com você na Vice, eu chegava nos debates, empresários de 50, trabalhadores de (incompreensível), eu falava: “Olha, você não entende nada, meu filho, você não entende nada. O meu empresário aqui é o Zé Alencar. Está aqui, ó. Ó o tamanho do bicho aí. Porque isso passou a dar respeitabilidade, passou a ganhar uma dimensão que a gente não tinha e eu acho que isso foi uma coisa determinante, Zé. Além disso, esses sete anos de convivência... que poderia ser mais se o pessoal quisesse, não é, Zé? O pessoal não quer, o pessoal fica discutindo esse negócio aí de contar os mandatos, então nós dois... Nós dois, até que a gente aguentaria mais uns cinco anos de batalha. Mas, como democratas, nós estamos quietinhos. Vamos esperar o jogo ser jogado.

Mas uma coisa interessante é o seguinte, olhem, eu tenho dito em todos os lugares em que eu vou que eu não acredito que em algum momento da história política alguém tenha tido um vice-presidente em que o presidente confia o tanto que eu confio no Zé Alencar. Nós não temos divergências, quando tem, elas são explicitadas, nós somos companheiros dos bons e dos maus momentos, nós fazemos aquilo que nós entendemos que o Brasil precisa que seja feito, ele um pouco mais à esquerda do que eu. Eu virei um sindicalista mais conservador e ele, um empresário mais esquerdista, ele mais duro na queda, e eu penso que isso foi bom para o Brasil. Foi bom para mim, eu acho que foi bom para ele, acho que foi bom para o Brasil.

Eu vou contar uma história, viu, Zé, para terminar com uma história... Hoje de manhã eu encontrei o Roberto Setúbal, e eu estava lembrando, Josué, daquela conversa na tua casa, ainda em 2002. Não tinham sequer chegado as eleições e eu fui jantar na casa do Josué – eu, o Zé Alencar, o dr. Olavo Setúbal, o Roberto Setúbal – e... uma conversa. Aí começamos a conversar. E aí o dr. Olavo Setúbal começou a perguntar assim para mim: “Candidato, o que você vai fazer com os conflitos agrários, e não sei das quantas?” E eu dizia: Ó, dr. Olavo, no nosso programa nós vamos dizer isso, isso, isso, isso, isso, e o



dr. Olavo dizia: “O Império não vai deixar”. Aí perguntava outra coisa, eu respondia outra coisa e o dr. Olavo falava: “O Império não vai deixar”. Eu sei que foram quatro perguntas, quatro respostas e o Império não estava deixando a gente fazer nada. Nós já tínhamos tomado acho que um segundo gole, já era tarde, aí o Zé Alencar falou: “Escuta aqui, dr. Olavo, eu quero saber que diabo de Império que é esse, porque se esse Império for tão ruim para o Brasil como o senhor está dizendo, eu pego em armas para derrotar esse Império”. O dr. Olavo, o dr. Olavo Setúbal até tomou um susto com esse nervosismo do Zé Alencar. Mas também eu estava cansado de tanto “o Império não deixa”. E a verdade é que a história do Brasil tem um pouco de “o Império não deixa” há muito tempo, e tem uma parte das pessoas que acreditaram que o Império não deixando, não podia deixar mesmo, e não acontecia.

Eu acho que homens como o Zé Alencar, que vieram antes de nós, que tiveram coragem, que enfrentaram, a gente provou que a gente consegue dar passos importantes.

Então, Paulo, eu acho que a Fiesp fez um tento extraordinário fazendo esta homenagem ao Zé Alencar. Eu, sinceramente, conheço muita gente, e a desgraça de a gente estar ficando velho é que a cada vez a gente conhece mais gente, os anos vão passando e a gente vai (incompreensível). Agora, o que conta na vida da gente é a amizade, o que conta na vida da gente...

Eu não sei, Zé, como é que você se sentiu, mas aquele companheiro à beira de um fogão de lenha, ali, dizendo da galinha que você gosta, aquilo é mais sincero do que duzentos discursos em um palanque em época de eleição. Aquilo, na verdade, é o que marca na vida da gente. Todos nós aqui, todos nós aqui somos faceiros, achamos que temos muitos amigos, mas na hora em que você estiver precisando, você conta nos dedos da mão - eu já tenho um a menos – você conta nos dedos da mão quem são os verdadeiros companheiros que nós construímos na vida.

Na época do bem bom, todo mundo é companheiro. Na época de vacas



magras é que a gente sabe quem é companheiro. Eu posso dizer alto e bom som: você, Zé, foi muito mais meu companheiro na época das vacas magras do que na época das vacas gordas. Por isso, minha gratidão pelo homem que você é. E que Deus permita que esse câncer, você o massacre. Faça como o Cassius Clay fez com o Foreman, porque eu acho que se tem uma pessoa neste mundo que tem a necessidade de viver, pelos bons serviços prestados a este país, esse homem se chama José Alencar Gomes da Silva.

Meus parabéns, querido. E que Deus te dê muitos anos de vida.

(\$211A)